

AS CARTAS DE VAN GOGH COMO FONTES DE INFORMAÇÃO BIOGRÁFICA: ESTUDO DE CASO

Denise de Paula Veras Aquino

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Piauí
Brasil

RESUMO

Van Gogh foi um forte adepto das cartas com meio de comunicação. Contudo, apesar de seu valor conteudístico, as cartas costumam ser desconsideradas na pesquisa social. Considerando a importância das correspondências pessoais como fontes de pesquisa no atual contexto informacional, objetiva-se analisar as cartas escritas por Van Gogh ao irmão Théo, no período de 1888 a 1890, como fontes de informação biográfica. Para tanto, utilizou-se como objetos de pesquisa as cartas de número: 534; 557; 558; 565; 566; 567; 568; 573; 576, trabalhadas como amostra. As cartas pessoais de Van Gogh a Théo são analisadas e apresentadas como veículos transmissores de informação biográfica. Metodologicamente, utiliza-se o estudo de caso para investigar o problema. A finalização da análise permite observar que cartas pessoais esclarecem sobre eventos e circunstâncias relevantes na vida de Van Gogh e, em pesquisas, podem ser utilizadas como fonte de informação biográfica.

Palavras-Chave: Fontes de Informação; Fontes de Informação Biográfica; Cartas – Vincent Van Gogh.

1 INTRODUÇÃO

As artes exercem influência na vida e na formação de muitos indivíduos, pessoas sensíveis e não indiferentes à beleza exposta pelos quadros, poesias, imagens e sons. Não raras são as que absorvem das obras de caráter artístico a 'inspiração' necessária para realizar determinado trabalho. É a arte influenciando diretamente a própria vida, como em um movimento de ação e reação, visto que dentro da ideia aristotélica de mimese, a arte é representação da realidade. Eis aí a mola propulsora para a realização desta pesquisa.

O artista a ser retratado neste estudo é o holandês *Vincent Van Gogh*, em virtude da conturbada vida que teve e por este ser considerado um dos grandes artistas de todos os tempos, um dos mais expressivos dos pós-impressionistas.

O período escolhido para ser trabalhado nesta pesquisa foi o de 1888 a 1890, por ser este um dos mais produtivos do referido artista. Van Gogh esteve internado em um asilo para loucos e, ironicamente, esse foi o período mais produtivo de sua carreira.

Van Gogh, em sua vida adulta, se correspondeu com seu irmão mais moço, *Théodore [Theodorus] Van Gogh*, tendo deixado cartas que constituem por si só, obras de arte, pois seus textos eram, ao mesmo tempo, poéticos e filosóficos.

Partindo desse ponto e considerando a inegável importância das fontes de informação no contexto informacional, cumpre-nos apresentar o conceito geral dessas fontes, partindo, em seguida, para suas especificidades e desaguando na contextualização das cartas no universo

É difícil estabelecer conceito consensual do que vem a ser fontes de informação, todavia, pode-se inferir que é todo e qualquer tipo de documento, independente do suporte, ou objeto, que contenha algum tipo de informação útil a algum tipo de usuário.

Para Baccega (2002, p.12), documento constitui-se em conhecimento registrado:

A informação cumpre papel decisivo na mudança dos destinos da humanidade, uma vez que ela está diretamente ligada ao conhecimento e ao desenvolvimento de cada uma das áreas do saber, já que todo conhecimento começa por algum tipo de informação e se constitui em informação [...] E para que o conhecimento da sociedade não se perca e possa ser compartilhado, ele é registrado num dado suporte: livro, imagem, foto, disco etc. passando a se constituir num documento.

A realização deste projeto buscou responder à seguinte problemática: as cartas de Van Gogh ao irmão Théo Van Gogh, no período de 1888 a 1890, constituem, de fato, fontes de informação biográfica? Dessa forma, apresenta-se o objetivo geral deste estudo que foi avaliar as cartas escritas por Van Gogh ao irmão Théo Van Gogh, no período de 1888 a 1890, como fonte de informação biográfica.

Para consecução da pesquisa selecionou-se dentre o universo de cartas escritas por Van Gogh ao irmão Théo Van Gogh as correspondências de número: 534, 557, 558, 565, 566, 567, 568, 573, 576.

Para a concretização da pesquisa, fez-se necessário a realização dos seguintes objetivos operacionais: dissertar sobre o que vem a ser fontes de informação, enfatizando sua importância no contexto informacional moderno; identificar como as biografias podem se caracterizar enquanto fontes de informação; apresentar vida e obra do artista retratado nesta pesquisa: Vincent Van Gogh; analisar as cartas contempladas na amostra.

A problemática em questão conduz a um pressuposto que, ao término deste trabalho, tanto pode ser comprovado como refutado, qual seja: as cartas pessoais de Van Gogh a seu irmão Théo Van Gogh, no período de 1888 a 1890, constituem-se em fontes de informação biográfica e são utilizadas como fontes de pesquisa na realização de estudos relacionados à vida e obra desse artista holandês.

O estudo de caso foi escolhido como método utilizado neste trabalho devido a sua praticidade, tornando a pesquisa mais viável e acentuando acontecimentos que marcaram, sobremaneira, a vida e obra do artista.

2 IMPRESSIONISMO E PÓS-IMPRESSIONISMO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, FORMAÇÃO ESTÉTICA E SUAS VERTENTES

Os fundamentos teóricos desta pesquisa estão em autores que privilegiam as fontes de informação como instrumentos detentores de ideias ou informações, assim como autores que abordam a vida e obra do pintor holandês Vincent Van Gogh, em especial os autores que destacam as correspondências trocadas entre ele e seu irmão, o comerciante de quadros Théo Van Gogh.

A informação, também objeto desta investigação, tem sua abordagem em autores como Le Coadic (2004), que em seus estudos apresenta a informação e sua relação com a ciência.

Quanto às cartas, estas foram ressaltadas enquanto veículos especiais de registro da informação. Segundo Gil (1994, p.161):

Alega-se que nos dias de hoje pouco valor podem ter as cartas para fins de pesquisa, pois em decorrência do telefone e de outros meios de comunicação as pessoas tendem a restringir o número de cartas. Além disso, é pouco provável que cartas indicando experiências íntimas cheguem às mãos dos pesquisadores. Por essas razões, o uso de correspondência pessoal é tido como de pouco valor na pesquisa social, a não ser no caso de cartas históricas.

Diante disso, torna-se cabível enquadrar as cartas que compõem o universo total de correspondências trocadas entre Van Gogh e seu irmão Théo como 'históricas'. Sendo assim, a amostra analisada nesta pesquisa tem considerável valor, visto que se trata de documentos que possuem, além de cunho histórico, caráter artístico e literário. As correspondências analisadas nesta investigação forma trocadas entre os irmãos Van Gogh no período histórico ao qual pertenceu o movimento artístico intitulado Impressionismo.

Em meados do Século XIX, a história da arte mostra uma concepção do que viria a ser a estética impressionista. Seus precursores, aqueles que com a evolução pictórica passaram a valorizar a luz e a sugerir mobilidade através de pinceladas coloridas, foram os realistas, porquanto a estética impressionista está diretamente ligada à estética barroca realista (SERULLAZ, 1965).

O impressionismo surgiu por volta de 1872 a 1875, quando os pintores Claude Monet, Sisley e Pissarro reencontraram-se e se reagruparam na França. Esse movimento foi afirmado publicamente na exposição de 1874. Frustrados com a recusa dos salões oficiais para com suas obras, alguns artistas decidiram realizar, por conta própria, exposições nos ateliês do fotógrafo Félix Nadar.

A aparente falta de acabamento e o caráter de esboço das obras desses artistas foi o que provocou objeções por parte dos críticos. Eram exatamente as mesmas características que, mais tarde, outros críticos considerariam como sendo seu diferencial e vigor.

O pós-impressionismo, vertente do impressionismo, surgiu de uma geração que se seguiu ao impressionismo. Os críticos empregaram o termo para abarcar a diversidade de estilos entre 1880 (fase final do impressionismo) e 1905 (emergência dos *fauves*), e para descrever e classificar artistas difíceis de categorizar. Seus principais representantes foram: Paul Cézanne (1839-1906), Vincent Van Gogh (1853-1890) e Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901), pois algumas das

características fundamentais do pós-impressionismo podem ser percebidas, com mais facilidade, nas obras desses pintores.

Van Gogh sofreu influência impressionista. Teve contato com artistas como Pissarro, Degas, Gauguin, Seurat e Toulouse-Lautrec. Experimentou a técnica do divisionismo, de Seurat, mas logo desenvolveu o estilo que marcaria suas obras: pinceladas vigorosas, amplas e espiraladas.

A obra de Van Gogh sofria cruel preconceito, de certa forma até mais que as dos demais artistas de sua época, uma vez que era considerado louco. Depois que ele morreu, o irmão Théo tentou fazer uma grande exposição de suas obras. Durante a escolha do material que seria exposto, em 18 de setembro de 1890, Théo escreveu a Émile Bernard “A quantidade de quadros é imponente. Não consigo organizar um conjunto que possa dar ideia de sua obra” (2002, p.394).

Não muito depois da morte de Van Gogh, seu irmão Théo veio a sofrer de paralisia, por conta disso fora levado às pressas para a Holanda. Contudo, ele já havia contatado a Émile Bernard a respeito da exposição que desejava fazer em homenagem a seu irmão.

Van Gogh viria a se tornar uma figura extremamente influente para os artistas que o sucederam: os *fauves*, expressionistas e os primeiros abstracionistas.

Proença (2000, p.145), afirma que a expressão pós-impressionista foi usada para designar a pintura que se desenvolveu de 1886 até o surgimento do Cubismo, entre 1907 e 1908. É um movimento que abrange pintores de tendências bem diversas, como Gauguin, Cézanne, Van Gogh e Seurat, que apenas no início de suas carreiras identificaram-se com o Impressionismo.

No presente trabalho utilizamos a categorização estabelecida pela autora acima citada, e Van Gogh é abordado como um artista pós-impressionista.

3 FONTES DE INFORMAÇÃO

Não é mistério que a informação no mundo contemporâneo é a chave do sucesso, em qualquer campo de trabalho e mesmo para uma boa convivência

social. Em verdade, já virou corriqueiro dizer-se que vivemos numa Sociedade da Informação.

Segundo assertiva de Targino (2006), a Sociedade da Informação é caracterizada pela ênfase dada à informação e ao acesso à mesma, provocando profundas transformações nos sistemas de produção e consolidando o setor quaternário da economia. Esse setor da economia engloba todos os indivíduos, instituições, processos, produtos e atividades integrantes do ciclo de vida da informação desde sua geração até o consumo.

Nessa perspectiva, destaca-se que estamos em um contexto histórico em que a informação permeia todos os aspectos da vida, e em que a quantidade de informação por vezes, inclusive, supera a própria capacidade de absorção dos seus destinatários, é necessário entendermos o que é a informação para que se possa compreender a sua validade como tal.

Mediante tal afirmação, cumpre, então, estabelecer conceito para informação. Concomitante à definição do dito termo, é preciso notar que não será possível abarcar todos os questionamentos pertinentes ao assunto, mas apenas delinear as discussões e instigar outras propostas pertinentes à temática do presente estudo.

Segundo Le Coadic (2004), informação é um conhecimento registrado de forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um dado suporte. Entende-se, pois, que o objetivo da informação é o conhecimento, a absorção de sentido de seu significado. Ela comporta um elemento de sentido, um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal-elétrico, onda sonora, etc. É uma inscrição feita graças a um sistema de signos (a linguagem). O signo é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação.

Ainda em consonância com o mesmo autor, a informação está contida num documento, uma vez que terminologicamente falando, documento designa os portadores de informação. Todo e qualquer artefato que representa ou expressa um objeto, uma ideia ou uma informação por meio de signos gráficos e icônicos,

sonoros e visuais. Entre os signos icônicos encontram-se palavras, imagens, diagramas, mapas, figuras, símbolos. Dependendo do suporte pode ser denominado documento em papel ou documento eletrônico.

Tomando esse conceito como norteador, conclui-se que documento e fonte de informação são elementos de difícil diferenciação por, de fato, não apresentarem notáveis especificidades valorativas, ou seja, a diferença de um para o outro não compromete o potencial informativo de ambos. Enfim, não existe diferença ontológica entre documento e fonte de informação.

Dessa forma, inferem-se as seguintes definições: a) documento: artefato que representa ou expressa uma ideia ou informação; b) fontes de informação: objetos portadores de informação.

Conforme se nota, a compreensão dos conceitos acima conduz e confirma a conclusão registrada parágrafo acima: documento e fonte de informação, apesar de não serem a mesma coisa, não apresentam diferenças valorativas.

De maneira geral, as fontes de informação são classificadas em fontes convencionais e não convencionais de registro de informação.

Segundo Magalhães (2005, p.56), as fontes convencionais são “[...] aquelas que, tradicionalmente, compõem os acervos de bibliotecas públicas, escolares e especializadas. Tratam-se geralmente de fontes impressas, textuais ou não, que diferem das fontes de informação em suporte eletrônico”. Livros, revistas e CDs constituem-se bons exemplos de fontes convencionais de registro da informação. Enquanto que, de acordo com Campos (1988), aquelas fontes que não podem ser adquiridas pelos canais normais de venda, obrigando o indivíduo a despender tempo considerável na sua localização e aquisição, são classificadas como fontes não convencionais de informação. Nesse contexto, cartas manuscritas devem ser consideradas fontes não convencionais de informação.

4 VAN GOGH: VIDA E OBRA

Vincent Willen Van Gogh nasceu em 30 de março de 1853, em Zundert, pequena aldeia holandesa. Sua mãe, Anne Cornélie Barbentus, tinha queda para

desenhar e escrever, o que leva a crer que, talvez, Vincent tenha herdado sua veia artística de seus familiares.

Em 1872, Van Gogh e Théo, seu irmão, se separaram e começaram a escrever um ao outro, dando início à sequência de correspondências que marcou profundamente a união entre eles e, principalmente, a vida de Vincent que, desde então, passou a compartilhar tudo com Théo. Théo, além de irmão e admirador de Vincent, era também seu protetor, porquanto chegou a sustentar financeiramente o irmão ajudando-se a tornar-se pintor.

Em 1885, depois de desilusões amorosas e acontecimentos dramáticos, Vincent deixou a família e a Holanda para não mais retornar. Chegou a morar com Théo, mas por ser temperamental e beber demais a convivência não deu certo e ele resolveu se mudar. No verão de 1888, conseguiu um estúdio numa propriedade em Arles e, em setembro, alugou o prédio todo. Foi nesse prédio que, mais tarde, Van Gogh tentou realizar seu projeto de fundar uma vila de artistas que viveriam em comunidade trocando ideias e aprendendo um com o outro, a 'Casa Amarela', que fundou com ajuda de seu irmão.

Théo, muito preocupado com a saúde mental e a solidão do irmão, mais uma vez disponibilizou-se a ajudar. Ele convidou Gauguin a participar dessa comunidade junto com o irmão, porém Gauguin relutou em aceitar o convite. Só aceitou o convite quando Théo concordou em lhe dar uma mesada, além da que dava ao irmão. Assim, Gauguin partiu para Arles, sendo o primeiro e único colega na colônia.

Por um tempo, seu sonho de arte comunitária parecia prestes a se realizar, mas diferenças de personalidades se mostrariam decisivas para essa relação, e em dezembro de 1888 Gauguin e Van Gogh discutiram seriamente.

Na noite da véspera de natal, Van Gogh o ameaçou com uma navalha. Gauguin fugiu deixando-o perturbado e, num acesso de loucura provocado pela fuga do amigo, *um accès de fièvre chaude* (em um acesso de febre intensa), Van Gogh cometeu um lendário ato de automutilação. Naquela noite, cortou a orelha esquerda. Essa seria a atitude que o marcaria como um dos mais conhecidos artistas de todos os tempos. Nunca se soube ao certo o que realmente aconteceu. Há uma série de

teorias, mas existem duas principais: uma é relativa aos seus relacionamentos sexuais, que seriam confusos. De modo que ele teria cortado a orelha e mandado para uma prostituta, com a qual Gauguin estava ou estivera envolvido. A mais aceita no meio artístico, por ser considerada a teoria mais lógica, é a da discussão com Gauguin e o fracasso de sua colônia, enfatizado dramaticamente pelo fato de ele ter pintado seu autorretrato com a orelha enfaixada.

Este incidente marcou o fim da relação entre os dois artistas e as esperanças de Van Gogh na constituição da Colônia de Artistas, pois depois disso Gauguin partiu. Depois desse episódio, Van Gogh, enlouquecido, passou a sofrer de alucinações e esteve internado por algum período. Os médicos afirmavam que a perturbação mental e as alucinações eram devido ao trabalho excessivo, mas Van Gogh ignorou-os e continuou pintando. Apesar das constantes alucinações, continuava a trabalhar. Em maio de 1889, ele mesmo se internou no Sanatório de *Saint-Paul de Mausole*, na cidade vizinha de Saint-Rémy, pois tinha consciência de seu distúrbio mental.

Assim como o incidente de sua automutilação, existem várias teorias a respeito de sua saúde mental. Van Gogh sofria de paranoia, portanto, a esquizofrenia pode ter sido um agravante. Seu médico julgava que ele não se alimentava direito. Considera-se também a possibilidade de ter absorvido substâncias tóxicas oriundas das tintas. Jamais se soube, com certeza, a natureza da doença de Van Gogh, mas apesar das constantes crises, continuava produzindo, mesmo durante sua internação em Saint-Rémy. Ele acreditava que pintar manteria sua sanidade intacta. Vincent pintou 200 quadros em apenas 12 meses.

Em janeiro de 1890, vendeu o quadro *A Vinha Vermelha*, pela soma de 400 francos. Seria o único que Van Gogh venderia em vida, pouco antes de sua morte.

Em 18 de maio de 1890, Vincent deixou Saint-Rémy e depois de sair do sanatório deixou Provença, partindo para Auvers-sur-Oise, uma aldeia perto de Paris, supervisionado por Paul Ferdinand Gachet, o Dr. Gachet, seu médico e amigo.

Mais de uma obra desse artista tem seu valor medido em dezenas de milhões, entretanto, não se pode esquecer que, além do valor monetário, existem ainda os valores artístico e histórico.

Em 27 de julho de 1890, em Auvers-sur-Oise, Van Gogh estava nos trigais, atirando nos corvos e, tomado pela angústia de sua crise, atirou contra o próprio peito, mas o tiro desviou-se e a bala alojou-se na virilha. Ainda com forças, ele voltou para casa e não avisou para ninguém. Encontraram-no em seu quarto, prostrado na cama, sangrando. O Dr. Gachet constatou que era impossível retirar a bala. Théo foi avisado no dia seguinte e, imediatamente, partiu para Auvers-sur-Oise. Ao chegar, conversou o dia inteiro com o irmão. De madrugada, a uma e meia da manhã, com Théo deitado ao seu lado, murmurou “Quero ir embora”, e faleceu, dois dias depois de ter atirado contra o próprio peito.

Mas Théo não suportou a dor e tristeza de ter perdido o irmão e amigo. Foi atingido por uma paralisia e morreu seis meses depois, a 21 de janeiro de 1891. Foi enterrado em Auvers-sur-Oise, ao lado de seu irmão, o irmão a quem amou, respeitou e sustentou grande parte da vida.

A última carta que Van Gogh escreveu a Théo só foi encontrada depois de sua morte. O próprio Théo a descobriu no bolso do irmão. Nela uma intensa declaração: “[...] em meu próprio trabalho arrisco a vida e nele minha razão arruinou-se em parte [...]” (VAN GOGH, 2002, p.386, carta n° 652).

Como se pode perceber, no decorrer de toda história desse consagrado artista, sua existência foi extremamente conturbada e tumultuada. Sua trajetória e os principais acontecimentos de sua vida estão registrados nas cartas que ele escreveu ao irmão. Esclarece-se aqui que, muito embora as fontes para realização desta biografia não tenham sido somente as cartas, estas foram de grande valia para o entendimento dos acontecimentos da vida desse grande pintor.

5 CARTAS PESSOAIS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO BIOGRÁFICA: O CASO VAN GOGH

Falar de cartas é tratar de um meio de comunicação que, em virtude da tecnologia, globalização e, mormente da Internet, já há algum tempo deixou de estar

entre os mais utilizados, deixando-se de lado inclusive toda uma aura de romantismo que envolvia tal meio de comunicação.

É incontestável a praticidade da vida moderna, mas as facilidades oferecidas pelos atuais recursos de comunicação como telefone, Internet, mensagens de texto via celular, entre outros, ainda não conseguiram superar a sofisticação das correspondências manuscritas, dentro de envelopes, com remetente, destinatário e selo. As cartas tradicionais são mais elegantes e românticas e, por isso mesmo, são mais fascinantes.

Quando passam a ser analisadas do ponto de vista literário, estabelecem um verdadeiro diálogo como leitor e, se reunidas em livro, elas passam a constituírem uma literatura particularmente instigante. Os leitores podem, por meio delas, inteirarem-se de aspectos biográficos inusitados dos seus autores. Nas correspondências pessoais, os leitores encontram depoimentos, relatos e retratos de um dado período, pontuados por diversos acontecimentos relatados nas missivas.

Com efeito, Van Gogh viveu em um tempo em que o principal meio de comunicação à distância era as cartas. Por meio delas, por exemplo, o artista informava sobre as telas em que trabalhava e, inclusive, mandava rascunhos deles para seu irmão.

Conforme mencionado anteriormente, em fevereiro de 1888 o artista mudou-se para Arles, em busca de melhores ares para dedicar-se à sua arte. As cartas que então remeteu a seu irmão informam, excepcionalmente, sobre seus projetos e estado de espírito. E, é por conta do poder de informação dessas cartas, que as mesmas foram tomadas como objeto deste estudo.

Segundo Holanda (2001, p. 136), carta é a “[...] comunicação manuscrita ou impressa, endereçada a uma ou várias pessoas”. Sendo esta, justamente, a definição que interessa ao estudo. Contudo, para conformar de todo a definição de carta ao objeto do nosso estudo, será preciso adicionar a ela a ideia de fonte de informação anteriormente formulada.

Assim, percebe-se ser necessário um requisito formal para qualificar-se cartas como fonte de informação biográfica, qual seja, a adequação dos documentos ora estudados ao conceito de fonte de informação, o que não significa, contudo, que

apenas a satisfação desse requisito formal leve a afirmar peremptoriamente que cartas são fontes de informação biográfica, pois, para isso, ainda será preciso averiguar outro requisito no que diz respeito ao aspecto material, ou seja, ao conteúdo das cartas e sua confiabilidade.

Não há dificuldades em identificar o requisito formal, pois, segundo foi afirmado, fontes de informação são objetos portadores de informação. Ora, tão bem se adequam as cartas de Van Gogh a esse conceito, que desnecessário se torna maiores divagações.

Entretanto, maior dificuldade será encontrada para identificar o requisito material, pois terá que se fazer um balanço valorativo do conteúdo das cartas para que se possa extrair delas informações confiáveis e satisfatórias. De fato, é essencial essa averiguação sobre a confiabilidade da informação.

Para aferir sobre o vigor conteudístico biográfico das cartas de Van Gogh ao irmão Théo, é imprescindível estabelecer as temáticas aqui trabalhadas como amostra do que é encontrado nessas missivas. Procurou-se fazer um estudo cuidadoso da vida desse artista antes de escolher a temática dessas amostras. Conforme já foi informado anteriormente referente à biografia do holandês, pois sua existência foi extremamente atribulada e repleta de acontecimentos, por assim dizer, dramáticos e marcantes.

Considerou-se como mais importantes acontecimentos na vida do artista, na fase escolhida para elaboração da pesquisa, o sonho de constituir uma colônia de artistas, a *Casa Amarela*, a automutilação e a enfermidade mental do referido artista depois do referido episódio. Esses fatos foram trabalhados em subtópicos e inseridos nesta parte da pesquisa.

5.1 A Casa Amarela

Através das cartas de Van Gogh é possível inteirar-se de seus projetos quanto à criação de uma colônia de artistas, a chamada *Casa Amarela*, constituindo este nosso primeiro problema a ser estudado. Na Carta nº 534, de setembro de 1988, o artista descreve a seu irmão a *Casa Amarela*, em que faz ressaltar um

especial gosto por detalhes, próprio de sua aura de artista, e a preocupação em criar um ambiente próprio para a produção artística. Também é possível notar-se na referida carta seu profundo e alardeado apreço por Paul Gauguin, isso fica claro quando ele se refere ao quarto que hospedará o irmão, mas apenas caso Gauguin não apareça.

A propósito, ao descrever o quarto, Van Gogh (2002, p.267, carta nº 534) faz referência à decoração das paredes, dizendo que “[...] o quarto [...] que será de Gauguin, se G. vier, terá nas paredes brancas uma decoração com grandes girassóis amarelos”, detalhe este bastante significativo, uma vez que os girassóis são recorrentes na obra do artista assim como na sua relação com Gauguin. Fazendo referência aos quadros dos girassóis, Van Gogh consigna o seguinte: “Você sabe, aliás, que Gauguin gosta extraordinariamente delas. Entre outras coisas ele me disse ‘isto... é... a flor’ ” (VAN GOGH, 2002, p.332, carta nº573).

De fato, é evidente nas cartas o apreço de Van Gogh por Gauguin, de modo que se ressalta como um dos motivos da criação da *Casa Amarela*, o desejo do artista de ter Gauguin junto de si, inclusive como diretor da colônia. O trecho seguinte ilustra o que aqui se afirma, em que o artista se refere a casa e a Gauguin: “Ele é um homem muito interessante, e estou muito confiante de que com ele faremos uma porção de coisas. Provavelmente ele vai produzir muito aqui, e talvez eu também, espero” (VAN GOGH, 2002, p.296, carta nº 557).

Van Gogh alimentava muitas esperanças por seu projeto, e a *Casa Amarela* representaria uma catarse na vida do artista, mais na área emocional do que propriamente na arte, pois ali ele pretendia reunir artistas em uma espécie de retiro para uma vida alternativa como sempre idealizou e sempre esteve distante, vez que o que lhe coube desde a infância foi amargura e incompreensão.

Contudo, dois meses depois, em 23 de dezembro de 1888, na carta nº 565, percebe-se que nem tudo saiu como planejado, além de também ficarem evidentes os conflitos do artista consigo mesmo e em sua relação com Gauguin:

Eu por mim acredito que Gauguin tinha se desanimado um pouco com a boa cidade de Arles, com a casinha amarela onde trabalhamos e, sobretudo, comigo. De fato, tanto para ele quanto para mim, aqui ainda existiriam sérias dificuldades a vencer. Mas estas dificuldades estão mais dentro de nós mesmos que em

qualquer outra parte. Em suma, por mim eu acredito que ou ele vai decididamente partir, ou ele decididamente ficará aqui.

Todo esse cenário em que desmoronava o projeto da *Casa Amarela*, talvez por nunca de fato ter sido viável, porquanto o próprio Gauguin, uma das fortes razões da idealização da colônia, demonstrara várias vezes resistência em tomar a frente do que idealizou Van Gogh, era adjetivado pela instabilidade de comportamento do artista.

5.2 Automutilação

De fato, a última carta acima citada precede o desentendimento entre Van Gogh e Gauguin que culminou com o célebre episódio da automutilação. Até hoje não se sabe ao certo as razões que levaram Van Gogh a cortar a própria orelha, de modo que as palavras que melhor ilustram as circunstâncias do sucedido são as formuladas por Gauguin em seu livro '*Antes e Depois*'. Nele, ao falar do ocorrido, Gauguin relata como desenvolveu seu trabalho ao lado de Van Gogh na *Casa Amarela* e, o que mais importa ao presente estudo, como nos dias que antecederam a automutilação o comportamento de seu amigo que estava estranho.

Quanto aos fatos em si, Gauguin (2002, p.313-315) relata que, estando os dois em um café, após tomar um absinto, Van Gogh jogou o copo e seu conteúdo em sua cara, tendo Gauguin de se esquivar, para depois pegá-lo pelo braço e levá-lo para casa. No dia seguinte, Van Gogh desculpou-se pelo ocorrido, mas Gauguin apesar de afirmar ter-lhe perdoado, anunciou ao amigo que iria embora da *Casa Amarela*. À noite, tendo saído para passear após o jantar, Gauguin ouviu pegadas atrás de si. Quando se virou, viu Van Gogh precipitar-se sobre ele com uma navalha, mas este hesitou e voltou rapidamente para casa. O que se sucedeu, ainda segundo o relato de Gauguin, é que ao chegar a casa, Van Gogh cortou sua orelha exatamente na base da cabeça.

As cartas de Van Gogh ao irmão Theo também não esclarecem por completo o porquê da automutilação, mas isso não lhes tira a qualidade da fonte de informação, pois o que ocorre é que nem nas cartas nem em outra fonte de informação, ou mesmo no relato de alguma pessoa ligada a Van Gogh, expressam

as razões que o levaram a cortar a própria orelha, de modo que existem apenas teorias baseadas em indícios. Enfim, quanto ao tema, às cartas que ora são estudadas nada deixam a desejar como fonte de informação para eventual composição de uma biografia do pintor holandês.

O que ocorre é que o próprio Van Gogh parecia não querer se manifestar sobre o que o motivou a cortar a própria orelha e, às vezes, parecia mesmo não compreender o que ocorrera. É o que se pode inferir do trecho seguinte:

Falemos agora de nosso amigo Gauguin, eu o assustei? Afinal por que ele não me dá nenhum sinal de vida? Ele deve ter ido embora contigo. Aliás, ele precisava rever Paris, e em Paris talvez ele se sinta mais em casa do que aqui. Diga a Gauguin que me escreva, e que sempre penso nele (VAN GOGH, 2002, p.318, carta nº567).

Van Gogh não era escritor, e para ele a maneira mais fácil de se expressar era através da sua arte, como de fato fez uma referência direta à sua automutilação por meio de uma tela, pintada em janeiro de 1889.

As razões da automutilação realmente nunca foram esclarecidas, apenas especula-se e se tem as palavras de Gauguin como relato de quem conviveu com o artista e testemunhou os dias que precederam o ocorrido, conforme descrito anteriormente. Mas uma coisa é certa, pode-se situar esse episódio como o marco que desencadeou de vez a perturbação mental de Van Gogh, este é o tema que agora será analisado a partir de mais algumas de suas cartas ao irmão Théo.

5.3 Da Enfermidade Mental de Van Gogh

De início, Van Gogh parecia não dar grande importância ao ocorrido da automutilação, apesar das repercussões que o fato teve de imediato em sua vida e que ainda viriam a ter em sua saúde mental. Isso é evidenciado a partir de alguns conteúdos existentes nas cartas, a respeito da enfermidade como, por exemplo: “Diga – a viagem de meu irmão Théo realmente era necessária – meu amigo?” (VAN GOGH, 2002, p.317, carta nº 566); “Como eu lamento que você tenha se incomodado por tão pouca coisa, desculpe-me [...]” (VAN GOGH, 2002, p.318, carta nº568).

Contudo, o episódio da automutilação e suas circunstâncias anteriores e posteriores, eram de notável gravidade quando sopesados por qualquer pessoa de percepção razoável. E, em verdade, não demorou muito para que o próprio artista percebesse seu estado mental.

Na carta nº 576, de 03 de fevereiro de 1889, Van Gogh ilustra bem o afirmado acima, pois assim consigna no documento: “Quando eu saí do hospital com Roulin, eu imaginava que não tinha tido nada, somente *depois* é que percebi que eu estivera doente”, ou seja, durante o mês de janeiro, exatamente o mês pós-trauma, o artista provavelmente ainda não estivesse em um estado mental que lhe permitisse vislumbrar com clareza o que lhe ocorrera e suas consequências, sendo que apenas no fim do mês primeiro e início de fevereiro é que se deu conta de sua situação. A propósito, os estudiosos de Van Gogh costumam ressaltar essa curiosa consciência que o artista tinha de seu estado mental.

Efetivamente, as cartas do mês de fevereiro em diante têm como temática principal a doença mental do artista, de modo que a todo tempo e, concomitantemente, Van Gogh afirma e questiona sobre sua enfermidade. Foi no mês em questão que houve a primeira internação voltada para seu tratamento mental.

Mas, mesmo antes dessa internação é possível evidenciar sinais de grave conturbação mental, conforme se afere da carta nº 576, de 3 de fevereiro de 1889:

Devo dizer que os vizinhos etc. são de uma bondade particular comigo, como todo mundo aqui sofre seja de febre, seja de alucinação ou loucura, entendemo-nos como gente de família [...] Quanto a considerar-me totalmente são, não devemos fazê-lo [...] Peço-lhe, portanto, que não diga que eu não tenho nada, ou não teria nada.

Nesse ponto é possível notar-se uma ponta de paranoia por parte do artista, que inclusive alegava que queriam envenená-lo. Tal estado é que levou à primeira internação provisória motivada por sua condição mental. O tema da loucura de Van Gogh é dos mais interessantes neste estudo, pois se tratamos justamente de epístolas particulares como fonte de informação, nas que falam em especial da enfermidade mental do artista, escritas por ele próprio, atesta-se de per si essa enfermidade, pois ele as redigiu em plena vivência da doença, até mesmo internado,

quando, inclusive, ainda trabalhava e produzia boa parte de suas obras que atualmente conhecemos (*Noite Estrelada*, Saint-Rémy - junho de 1889, por exemplo, um dos quadros mais conhecidos, o qual foi pintado no Sanatório de Saint-Rémy).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como base as cartas pessoais de Van Gogh para seu irmão Théo, do período de 1888 a 1890, e delas nos valem para nos aprofundar em temas que há muito se discute e que repercutiram sobremaneira na vida e obra deste fenomenal artista holandês.

Os episódios específicos que foram estudados e que nos propusemos a explorar foram o projeto de Van Gogh de criar uma colônia de artistas (a *Casa Amarela*), a automutilação e a enfermidade mental de que o artista sofria por meio das cartas enviadas por ele ao irmão Théo, bem como as recebidas deste.

Poderiam então epístolas pessoais esclarecer sobre eventos e circunstâncias relevantes na vida e obra de um artista? Sim. Pelo que foi visto são possíveis tais esclarecimentos.

As cartas de Van Gogh para seu irmão Théo informam sobre o período final da vida do artista, visto que veio a suicidar-se em 29 de julho de 1890 (na verdade, como já mencionado anteriormente, disparou contra o próprio peito no dia 27 do mesmo ano, vindo a falecer apenas dois dias depois). A comunicação entre os irmãos por meio de cartas era intensa, de modo que do referido período nenhum outro documento ou testemunho pode ser mais relevante como fonte de informação do que os estudados no âmbito desta pesquisa.

Ademais, considera-se que uma investigação biográfica implica confrontar temas que nem sempre se resolvem objetivamente, isso porque o próprio objeto do estudo biográfico é um complexo subjetivo individualizado que exige um cotejamento de informações diversas em que se deve valorar a validade e confiabilidade dos seus conteúdos.

Foi exatamente no que concerne a esses requisitos de validade e confiabilidade que, neste estudo, pudemos ressaltar a qualidade das cartas de Van

Gogh como fonte de informação, pois delas foram extraídos dados que por nenhum outro meio seria possível concluirmos melhor sobre os temas explorados.

Assim, podemos afirmar com segurança, pelo que foi possível desvendar através das cartas aqui estudadas, que cartas pessoais são ótimas fontes de informação biográfica, afinal, como seria possível imaginar uma biografia do artista Van Gogh que ignorasse as cartas aqui analisadas?

Como já afirmado, o tema mais fascinante abordado neste pequeno estudo foi o da enfermidade mental do artista, talvez pela própria complexidade da questão. Mas, paradoxalmente, foi exatamente sobre esse tema que as cartas mais foram úteis em informar, isso por conta dos requisitos que foram referidos.

Ora, não poderia haver maneira mais extraordinária de atestar a conturbação mental de Van Gogh do que vê-lo relatar seus desvarios e ver sinais da enfermidade, a partir das próprias impressões do artista. Outro ponto impressionante do poder de informação das cartas estudadas foi o da consciência do artista da própria loucura. O trecho a seguir é exemplar para aferir o que se afirma:

O que me consola um pouco é que estou começando a considerar a loucura como uma doença qualquer, e aceito a coisa como ela é, enquanto que, durante as crises, parecia-me que tudo o que eu imaginava era real [...] Poupe-me das explicações, mas peço a você e aos Srs. Salles e Rey que ajam de maneira que fim do mês ou começo de maio eu vá para lá como pensionista internado (VAN GOGH, 2002, p.347, carta nº585).

Também se pode assinalar outro aspecto que afirma as cartas de Van Gogh como fonte de informação legítima, qual seja, o tom confessional e de intimidade com que o artista se comunica com o irmão, isso dá tamanha confiabilidade à informação que nem mesmo uma entrevista com o biografado seria de tal valor.

Dessarte, podemos afirmar que sim. As cartas pessoais de Van Gogh a seu irmão Théo Van Gogh, no período de 1888 a 1890, constituem excelentes fontes de informação biográfica, podendo ser utilizadas com segurança em estudos relacionados à vida do artista.

REFERÊNCIAS

- BACCEG A, M. A. Apresentação. In: CINTRA, A. M. *et al.* **Para entender as linguagens documentárias**. 2.ed. São Paulo, Polis, 2002.
- FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio do século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001. 790p.
- GAUGUIN, P. Incidente da automutilação. In: VAN GOGH, V. **Cartas a Théo**. Porto Alegre: L&M, 2002. 420p.; p.313-315
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207p.
- LE COADIC, Y.-F. **A ciência da informação**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124p.
- MAGALHÃES, M. H. de A. Fontes de informação geográfica. In: CAMPELLO, B.; CALDEIRA, P. da T. (Org.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica. 2005. p.53-66 (Coleção Ciência da Informação, 1)
- PROENÇA, G. **História da arte**. 15.ed. São Paulo: Ática, 2000. 279p.
- SERULLAZ, M. **O impressionismo**. São Paulo: Difusão Europeia, 1965. 160p. (Saber Atual)
- TARGINO, M. das G. Quem é o profissional da informação. In: _____ (Org.). **Olhares e fragmentos**: cotidiano da biblioteconomia e ciência da informação. Teresina: EDUFPI, 2006. Cap.15; p.161-178
- VAN GOGH, T. Cronologia. In: VAN GOGH, V. **Cartas a Théo**. Porto Alegre: L&M, 2002. 420p.; p.394
- VAN GOGH, V. **Cartas a Théo**. Porto Alegre: L&M, 2002. 420p.

Denise de Paula Veras Aquino
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)
Bibliotecária
E-Mail: deniseveras@ifpi.edu.br